



Maio de 1962

Pois é, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs. Todos leem você por curiosidade, já eu jamais a lerei; tudo o que você escreveu, eu conheço, e tanto é assim que as outras pessoas, por mais indiferentes que sejam, ficam impressionadas com as suas palavras. Faz uma semana que comecei estas linhas, meus filhos se agitam tanto que não tenho muito tempo para deixar no papel o turbilhão de pensamentos que passa pela minha cabeça. Estou indignada. Uma jovem da minha terra me contou coisas sobre a sua vida na casa onde trabalha que jurei verificar. Ganho um dinheiro e já posso fazer um balanço: sou faxineira há cinco dias, meus empregadores estão incomodados porque claramente não sou uma recém-chegada; falo de Champs-Élysées, Touraine ou da igreja Notre-Dame de la Garde com muita naturalidade. Eles não podem, sem mais nem menos, me chamar de Marie ou Julie. Aliás, nem estão preocupados com isso: não me chamam de nome nenhum.

Quinze dias se passaram e ninguém me perguntou como eu me chamava nem pediu a minha carteira de identidade, é incrível!

Duas jovens moram lá, a mais velha está cursando as aulas preparatórias^[1] para as *grandes écoles* de exatas, a outra estuda para o *baccalauréat*.^[2] A mais velha me ignora — está entupida de equações. Ela diz um preguiçoso “Bom dia, senhora”. Eu pergunto onde devo guardar seus sutiãs. Ela nem me responde.

A segunda diz do mesmo jeito “Bom dia”, “Boa noite”, “Até mais”, porém ganhou o meu respeito: no seu quarto, não havia bituca de cigarro, mas tirei de sua gaveta dez cabinhos de maçãs devidamente devoradas. Eu a vi revisar uma lição mordiscando

com muita desenvoltura o talo da fruta; depois dessa imagem simpatizei com ela, apesar de sua arrogância de controladora. Há também um adorável garoto, de cabelos ruivos, simples e gentil. Entre nós dois, o papo é fácil.

A patroa, cuja idade regula com a minha, entrincheirou-se atrás de uma fachada ridícula de dignidade e rigidez. Às vezes ela a esquece e vira uma pessoa sorridente; entretanto, isso dura pouco. Sou a empregada. A patroa solta depressa um “Bom dia”. Eu, quando chego, digo: “O dia está lindo, né?”.

Já o patrão, eu o encontro ao chegar, quando ele está saindo para trabalhar na sua clínica para gente nervosa. Na verdade, foi ele que me contratou. Ele é muito alto. Por sinal, todos são altos naquela casa. Trata-se de alguém ponderado, de gestos calculados; tem olhos azuis tão cheios de bondade que não consigo imaginá-lo fazendo algo ruim. A senhora é versátil, eu acho, mas todas as mulheres são assim.

Maio de 1962

Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou ao luxo de comprar a revista *Paris Match*; atualmente, ela fala muito dos negros. Foi assim que conheci a sublime sra. Houphouët com seu vestido de gala. Eu não iria lhe dedicar as minhas palavras, ela não compreenderia. Mas você, Carolina, que procura tábuas para o seu barraco, você, com suas crianças aos berros, está mais perto de mim. Volto para casa esgotada. Acendo a luz, as crianças estudam, do jeito como se faz hoje em dia. Elas não têm muitos deveres de casa, seria cansativo demais, mas me contam o enredo, detalhe por detalhe, da última história em quadrinhos que foi lida na escola. Carolina, você nunca vai me ler; eu jamais terei tempo de ler você, vivo correndo, como todas as donas de casa atoladas de serviço, leio livros condensados, tudo muda rápido demais ao meu redor.

Para escrever alguma coisa, preciso esconder meu lápis, senão as crianças somem com ele e com meus cadernos. Há noites em que os encontro bem fininhos. Já meu marido me acha ridícula por perder tempo escrevendo bobagens; por isso, ele esconde cuidadosamente sua caneta. Como você conseguia segurar um lápis com a criançada à sua volta? Para os meus filhos, sumir com um lápis é normal, sempre tem o da mãe ao alcance. Somente uma coisa os faz parar: quando digo que temos em casa apenas o dinheiro do pão, eles evitam, por um breve período, perder seus materiais. É sempre a mesma coisa, não importa o que estejam fazendo. Só me resta esperar para ver quem aparecerá primeiro com os sapatos furados depois de jogar futebol. Meu marido diz: “O importante é o pão de cada dia, o resto a gente dá um jeito”. Acho, Carolina, que você conhece essas palavras. Na favela, você nunca foi capaz de pensar em nada além do pão de cada dia. Penso que é isso que me aproxima de você, Carolina Maria de Jesus. Eu também me chamo Marie, como você, e Marcelle, como Pagnol. Moro muito perto do povoado dele, nunca o li, mas o escutei no rádio com paixão. Também me chamo Françoise e, por fim, Vittalline, como ninguém mais. Não canso de me perguntar onde meus pais encontraram um nome desses.

20 de maio de 1962

Se um dia eu lhe enviar estas linhas, você vai querer saber o resto da minha história. Hoje à noite, digo a mim mesma: “De que adianta?”. Estou cansada. Quando você juntou as tábuas para o barraco, você não conhecia a expressão “de que adianta?”, isso me dá uma vontade danada de escrever meus pensamentos, preto no branco, enquanto as crianças dormem. Pego de novo a Bic! Para ganhar dez francos à tarde, fiz quatro quartos, limpei dois banheiros, dois armários, descasquei dois quilos de ervilha. Em casa, só como as enlatadas, não gosto de descascar, irrita a ponta dos dedos. Mas não estou zangada, estamos no final do mês e é Dia das Mães, com o dinheiro poderei fazer um bolo

bem grande. O Dia das Mães é ainda uma festa dos meus filhos! Eles pegaram um dos meus cadernos, agora tenho que copiar de novo todas as folhas. Se você não tivesse se tornado minha inspiração, eu já teria atirado tudo para o alto, dizendo: “De que adianta escrever?”. Fecho uma janela em meus pensamentos, outra se abre, e a vejo curvada, na favela, escrevendo no papel que tinha catado no lixo. Eu, que tenho a imensa felicidade de ter um caderno, um abajur e uma música bem baixinha que sai do rádio, acho que seria covardia largar tudo porque uma criança rasgou as folhas do caderno. Só me resta recomeçar.

Timidamente, eu disse para quem estava ao meu redor: “Estou escrevendo um livro”. Riram de mim. Repeti o meu leitmotiv a compatriotas que me viam rabiscar quando nos encontrávamos, fosse no ônibus, fosse nos encontros dos grupos comunitários. Aos risos, me disseram: “Cuide das suas crias”. Houve quem, por pena, levasse a mão à testa. Comecei então a escrever às escondidas, o que cheguei a dizer a uma correspondente distante e vivida, num dia em que ainda queria deixar tudo de lado. Hoje de manhã, essa senhora admirável respondeu: “Será um belo livro. Apesar de eu não saber do que trata, desde já sei como a senhora vai escrevê-lo”.

Ela não me conhece e confia no meu potencial. É a oportunidade que tenho de avaliar o que posso esboçar, e isso me deixa animada. De uma só vez, escrevi três capítulos do *Reino desvanecido*, título que surgiu porque alguém tinha confiado em mim, por meio de algumas palavras.

2 de junho de 1962

Carolina, ontem foi a Festa da Ascensão. Na igreja do meu bairro, vi uma mocinha da minha raça chorando após a comunhão. Isso me embrulhou o estômago. Queria saber quem era e o que estava fazendo ali, no subúrbio de Marselha, com seu vestido de verão, embora fizesse ainda bastante frio — eu mesma estava com um pulôver grosso. Ela sorriu. Falei no nosso patoá,

o que a encheu de confiança. Ela me contou que “pessoas a trouxeram”. Quem fez isso, que “pessoas”?, perguntei, inflamada.

“Uma patroa pagou a minha viagem! Preciso reembolsar cento e cinquenta francos por mês. Ganho duzentos e vinte. Sobram setenta para o dia a dia. Tenho dois filhos lá na minha terra, lá eu trabalhava como atendente num bar, não sou casada, sabe como são essas coisas! Eu vim tentar mandar dinheiro para a minha mãe, para criar os meninos, mas tenho que ficar oito meses antes de enviar. Estive na cidade duas vezes e me roubaram setenta francos. O primeiro táxi que peguei fez um longo desvio, o que me custou dez francos! Isso me deprime! Não via a França desse modo! Além disso, olha como eu trabalho! Até as dez da noite! Me levanto às seis da manhã, nem tenho tempo de comer!”

Carolina, meu sangue estava fervendo!

“Como as coisas chegaram a esse ponto? Que tráfico de pessoas é esse! Foi feito um contrato de trabalho? Seu nome está no sistema de seguridade social?”

“Não! A patroa me disse que em três meses vai me registrar! A colega que lhe passou meu endereço está na mesma situação que eu; ‘Só daqui a três meses’, ela me disse. Mas com minha colega é diferente, ela tem família em Marselha.”

De fato, há muitas moças que “são trazidas” para Marselha. Deixam as ilhas sonhando com um destino melhor. Eu as vejo, e é sempre igual, são compradas por um tempo determinado, ou quase isso. As patroas fazem como todas as suas amigas abastadas, têm uma empregada antilhana, mais flexível e mais isolada que a empregada espanhola de outrora. Nessa loteria, há quem tire a sorte grande e vá parar na casa de pessoas cheias de dignidade e humanidade. Há outras, e são a maioria, que se dobram ao jugo. Esta aqui me conta como, sob pena de sanção, é forçada a limpar as roupas íntimas da dona da casa. Outra come de pé. Outra é levada a um chalé na montanha e obrigada a buscar água na fonte, a qual encontra apenas depois de remover a neve com picareta. Meu marido resmungou: eu deveria ter

ficado em casa. “Por que engrossar as fileiras desse gado humano?”, ele disse. É bem simples: nunca poderei falar sobre isso com conhecimento de causa se não souber do que se trata.

Foi assim que voltei aos gestos ancestrais, Carolina, somos do mesmo calibre, e o trabalho não me assusta. Para me animar, na ida para o serviço, me dou ao luxo de comprar um café. Custa somente quarenta centavos. Para ganhar quarenta centavos, preciso dar duro por doze minutos. Em doze minutos, lavo um monte de louça! Como é gostoso o café batalhado! E como são infelizes aquelas cujas vidas são reduzidas a esse cálculo. Quem tem dinheiro em abundância não pensa nisso. As que, como eu e você, não conhecem nada além de um futuro incerto, mas que são livres, que têm a possibilidade de se rebelar, de recusar a condição de escrava, são abençoadas. Como tenho pena das pobres meninas a quem se diz: “Fique à vontade para tomar café o quanto quiser depois de acabar o serviço”.

Diante dessas desgraças, sou invadida por um imenso desgosto.

2 de junho de 1962

Faz dois meses que sou faxineira, e não tem sido divertido, Carolina. Pau que nasce torto, morre torto. Com a minha patroa, não falo apenas de cera, sabão de Marselha e prendedores de roupa. Sinto que ela está um pouco desapontada. Sua amiga contratou “uma” que fala muito mal francês e é bastante ingênua, que lindo! Para ela, sou uma pessoa esquisita, o que a deixa nervosa e um pouco cruel. Ela pergunta:

“A senhora já terminou o vestibulo?”

“Sim, senhora.”

É o sinal: ela pega um tapete empoeirado e se põe a sacudi-lo justo no lugar que acabei de deixar brilhando! Preciso então recomeçar. Se disser isso em casa, meu marido vai gritar “Fique aqui”, e depois tratará de deixar minha mobilete enguiçada! Se ficar em casa, jamais poderei ver até onde a estupidez humana

pode ir. Na segunda-feira, limpo a sala de estar até dizer chega, começando por escovar um tapete bem pesado. Pelo jeito, o aspirador danifica as fibras desse precioso ornamento. Pessoalmente, acho que é para melhor me ver de joelhos no chão. Na terça-feira, quando tudo está brilhando, a patroa decide costurar, e centenas de fiapos se incrustam na lã do tapete que me custa tanto limpar. Com um ar negligente, ela diz: “Preciso lembrar de pôr um lençol velho na frente da poltrona de costura!”. Ela invariavelmente esquece! Então faço menção de pegar o aspirador de pó, e ela diz: “Preciso do aspirador para a sala! Pegue a escova pequena!”. Ou seja, “Curve o lombo, minha filha, vou te pagar dois francos por hora pelo serviço”.

Sou uma cobaia voluntária, reprimo o desejo de pendurar o avental na parede e começo novamente a escovar. É quando me pergunto como deve ser para as minhas irmãs que não têm para onde ir caso se rebelem, que são forçadas a ficar dia e noite na companhia dessas tais mulheres de bem porque têm uma viagem a reembolsar! Carolina, é horrível. Carolina, quando você se dobrava toda para ver o que tinha nas lixeiras, pelo menos não havia ninguém no seu calcanhar para ter certeza de que você estava curvada, sorte sua, você sabe! Quando volto para casa, ainda não é hora de dormir! Tenho filhos para educar, dar umas boas palmadas, alimentar e amar. Felizmente, isso me faz esquecer a patroa.

5 de junho de 1962

Hoje consegui adicionar algumas páginas ao livro que tinha deixado pendente. Isso porque, ontem à noite, enquanto estava sentada na garupa da motocicleta do meu marido, que me trazia de volta da cidade, ele deu uma risada e disse:

“Então, está tudo certo com o seu livro, ele é bem fininho! Dei uma olhada nele de tarde: cinquenta páginas! Você é engraçada!”

No início, é claro que *O morro dos ventos uivantes* era um livro

bem fininho. Fiquei tão exasperada que jurei terminar esse famigerado *Reino desvanecido* custe o que custar. Tenho certeza, Carolina, de que ninguém zombava de você.

Pentecostes de 1962

As tardes na casa onde trabalho são terríveis. A patroa está ficando cada vez mais irritadiça. Queria tanto dois dias inteiros de folga! Mas os dias que tenho são estes, e aproveito o máximo que posso. Eu, filha do vento e dos espaços abertos, sou forçada a girar em círculos em um grande apartamento de persianas fechadas. Quando entro nos quartos das meninas, a náusea me invade, corro para as janelas para abrir tudo, caso a dona da casa não esteja à espreita — ela odeia a luz do sol. Nessas horas, penso apenas no mistral que poderia soprar, purificando essa residência abafada. Passo o aspirador e me sinto enjoada, a náusea toma conta de mim depois de respirar aquela mistura de cheiros, perfume, suor, cozinha. O meu momento de desforra é pegar o caminho mais longo de volta para casa: a subida até o meu subúrbio, dez quilômetros de estrada a percorrer, passando por canteiros floridos. Volto para casa feliz, mas feliz de verdade, muito mais do que se tivesse ficado um dia inteiro ralando em um ateliê qualquer de costura. As poucas horas que passo na rua me fazem apreciar onde vivo, e fico contente em retornar! Embora tenha que fazer horas extras para recuperar o tempo perdido. Inverno e verão, a brisa do bom Deus sempre encontra um jeitinho para entrar na minha morada. Gosto de faxinar com grandes baldes de água fresca, de deixar as peças cheirando a capim-cidreira. Se fosse rica, evitaria as cortinas que acumulam poeira e os imóveis de dois andares nas avenidas movimentadas. Eu teria uma casa ensolarada no campo, longe do barulho dos motores, ouviria o vento cantar nas árvores altas, que não faltariam ao redor.

Mas sou faxineira. Carolina, ando de um lado para outro entre o fedor das meias, da cera de assoalho e dos produtos para

remover odores; entre livros que nem sequer teremos tempo para ler e meninas que desconhecem as piscinas públicas e as caminhadas.

Ao chegar em casa ainda sob o impacto da falta de ventilação, digo às crianças: “Vamos, depressa, respirem”, e abro minha casa para que o sol entre por todos os lados. O mais penoso para uma faxineira, eu acho, é o cheiro da vida dos outros. Apesar do cansaço, aproveito o sol, perto de uma janela, depois de ter cozinhado para a família, e penso em você. Consigo vê-la, um lenço prendendo os cabelos, pregando as tábuas do seu barraco, e fico motivada. As crianças continuam a surrupiar meus lápis, mas o livro está avançando.

Terminei o primeiro caderno e estou exultante; Carolina, saber reunir palavras, montar frases e poder lê-las, ainda que o escrito esteja em crioulo ou javanês! Sinto uma incrível sensação de alívio. O que estou fazendo não é fácil: há sempre um dos meninos resmungando ao meu redor, enquanto outro ri. Entre os meus filhos, dois me apoiam: examinaram as páginas e arrancaram duas folhas que tinham achado interessantes, “para ler na cama”. Minha filha achou as páginas brancas do meu novo caderno ideais para desenhar. Fiquei furiosa e disse a todos que, caso faltasse papel para escrever, ou trechos da minha história, aquilo nunca seria um livro; depois disso, eles se limitaram a rodear as minhas páginas brancas ou já escritas, mas não ousaram mais tocá-las.

Até identifico um avanço sutil no meu marido: ele ri menos, me chama de “minha escritora”. “Minha escritora! Me dê as minhas meias!”, “Minha escritora, faz um bolo para nós?”. Deixo a caneta de lado e vou fazer o bolo. Mas quando ele sai de manhã cedo e meus apoiadores ainda estão dormindo, minha filha sonhando com desenhos ainda nem esboçados, me alegro: somente a coruja do velho pinheiro perturba o silêncio, estou no meu habitat natural. Talvez o ideal seja ditar os pensamentos a secretárias e contar com as sugestões de conselheiros; entretanto, como seria menos prazeroso!

24 de junho de 1962

Agora passou de todos os limites! A jovem da minha terra ainda está aos prantos. Domingo, fui vê-la, fazia tempo que ela parecia me evitar, eu tinha que tirar isso a limpo! Subi a ladeira que leva ao casarão dos “seus senhores”. Acabei por encontrá-la numa horta de alfaces, o joelho enfaixado com atadura. Chamei:

— Yolande! O que a senhora está fazendo aí?

Nunca a tratei por “você” porque queria conscientizá-la de quem ela era. Na casa onde trabalha, todo mundo fala com ela por meio de gírias e a trata por “você”, até a menina de sete anos, até a avó velhinha.

— Yolande, hoje, domingo, o que a senhora está fazendo com essa enxada?

— Estou doente, tenho reumatismo no joelho, todos foram para o campo.

— E quem cuida da senhora então?

— Ninguém. Comprei uma pomada na farmácia. A patroa disse que ainda não tenho direito ao sistema de saúde, e não é com os setenta francos que ganho por mês que vou conseguir pagar um médico.

Peguei a enxada das mãos de Yolande e perguntei:

— Por que está fazendo isso, já que tem um problema no joelho?

— A patroa disse que sou uma empregada faz-tudo! Cuido até da horta!

— Yolande, por que não vem mais nos visitar?

— A patroa disse que, depois que comecei a ver a senhora, fiquei mais exigente; que foi a senhora quem me fez perguntar a ela como pensava aquecer o meu quarto perto da garagem no inverno! Não tem a ver com a senhora, mas lá está fazendo frio agora, imagina no inverno!

— A patroa disse... a patroa disse! Pois é, ela continuará dizendo. Em primeiro lugar, a senhora vai consultar um médico; em segundo lugar, irei falar com ela; por fim, é preciso acordar! A senhora não é obrigada a ficar aqui porque alguém lhe pagou a

viagem!

— Mas o que vou fazer?

— A senhora irá a uma agência de emprego, e a agência encontrará algo. Se quiser voltar a trabalhar, exija ser regularizada para ter direito à seguridade social!

Yolande tinha medo das pessoas, medo da sua sombra, medo dos brancos, como nos áureos tempos da escravidão.

Carolina, minha velha amiga, encontrei a patroa da Yolande, uma ruiva salpicada de pontinhos de chocolate, uma verdadeira onça-pintada! Fui logo dizendo:

— Senhora, vim buscar a Yolande para levá-la a um médico; me passe a inscrição dela no sistema de seguridade social.

Ela respondeu:

— Está em andamento! Mas posso chamar o médico da minha família.

— Não, o médico que ela escolher! Ela não pode viver com setenta francos por mês; ela tem dois filhos que estão morrendo de fome lá de onde ela veio. Vai ser assim ainda por muito tempo? A inspeção do trabalho vale para ela também, a senhora sabe disso!

— O que é isso! Por que a senhora está se metendo onde não foi chamada? Além do mais, quem é a senhora?

Respondi:

— Uma negra indignada, não dá para ver? Por acaso a Yolande veio a sua casa para cuidar da horta? Onde a senhora aprendeu esse tipo de coisa?

Aliás, as mulheres europeias não aprendem esse tipo de coisa; o instinto de dominação desperta quando elas encontram um elemento que lhes convém. Continuei:

— Yolande está deixando o emprego! Só para chegar ao serviço ela leva uma hora todos os dias.

A senhora sobressaltou-se:

— Ela não vai a lugar nenhum, ela me deve dinheiro.

— Ela está indo embora, e vai lhe pagar, porém trabalhando fora daqui! A senhora não fez contrato, mas ela pode fazer uma confissão de dívida. Quanto ela ainda deve à senhora?

— Não calculei.

Yolande se vestiu rapidamente e, mancando, me seguiu; seu rosto estava radiante. Podia enfim cogitar que sua servidão teria um fim.

26 de junho

Minha patroa tem se retraído cada vez mais. Após um golpe baixo que teria desorientado qualquer pessoa, menos eu, ela passou a me ver alegre como no primeiro dia; abasteço-me de otimismo em casa e continuo a minha experiência. Além do mais, recebo o suficiente para pagar as minhas despesas, uma mulher tem disso, pequenas despesas! Esta semana ganhei cinquenta francos pelas tardes de trabalho; me pagaram no sábado e hoje, segunda, só me restam dois francos. Quando levar um franco de pirulitos para casa, terei que deduzir do orçamento familiar para comprar minhas passagens. E quem liga para um porta-moedas vazio quando se pode deixar felizes aqueles que estão à sua volta, e além do mais, meus filhos estão saudáveis. Isso vale todo o ouro do mundo! É por isso que esqueço a patroa assim que deixo a sua casa.

As pessoas ficam surpresas de não me ver por perto na saída da escola; imaginam que meus meninos voltam sozinhos. Tenho fé na minha raça, acredito que nunca estão sozinhos, nunca estarão. No ônibus que me leva até o aspirador da minha patroa, invoco o Espírito Santo, e Ele os protege. Se meus filhos voltam antes de mim, sempre acontece algo errado, é óbvio, cadeiras de cabeça para baixo, torneiras abertas, mas não é normal? Eu os repreendo só da boca para fora.

30 de junho de 1962

Carolina, dizem que o futuro é dos que cedo madrugam. Sempre me levantei cedo, porque o pobre levantar cedo não é uma

questão de futuro, mas de presente. Se meus pés, Carolina, estão inchados depois de uma tarde passando roupa, tenho que massageá-los imediatamente, amanhã preciso deles para subir a escada: há dezenas de janelas para deixar brilhando. E, acima de tudo, é preciso que eu esteja em boas condições para subir os oito andares até o apartamento: o elevador está enguiçado. O futuro para você, como para mim, é uma questão da ordem do dia. A patroa notou a minha satisfação em deixar que o ar e o mistral de Notre-Dame de la Garde purificassem a atmosfera daquela alcova. Ela então fechou hermeticamente todas as persianas. No vestíbulo, o termômetro marca trinta graus — e estamos falando da sala mais fresca do apartamento. Ela acendeu as lâmpadas fluorescentes. Eu suava enquanto passava a vassoura e o esfregão. O suor pingava da minha testa, invadia as pálpebras; com a mão, tratei de enxugá-lo. Considerei o gesto indigno. Atirei tudo no chão. E fui pegar meu lenço na bolsa. A madame, deitada em uma poltrona, perto de um ventilador, me disse: “Então, a senhora acha que está quente? Mas na sua terra natal é pior ainda e nunca para”. Apoiada na vassoura, falei da imensa sombra espalhada pelas mangueiras, do frescor trazido pelos ventos alísios e das janelas abertas para abrigá-los, das persianas aspirando o ar, dos rios, dos banhos de mar. Ela me escutou atentamente, depois franziu a testa. Disse a mim mesma que o momento de partir tinha chegado. Em seguida, fiquei com dó dela. As meninas da casa foram reprovadas nos exames. Neste momento, vi a patroa como qualquer outra mãe. Ela passou dias de angústia aguardando os resultados daquelas famosas provas do ensino médio, depois veio a tristeza e a decepção de ver suas crias voltarem de mãos abanando. A tristeza por causa da família, a decepção por causa do orgulho: ela já havia falado com suas amigas sobre a festa surpresa que faria em casa se as filhas atingissem os objetivos. Quando se é mimado pela vida, como não se tornar alguém orgulhoso? Quis dizer uma palavra gentil, receava parecer atrapalhada. Encolhida nos meus pensamentos, eu a observei encolhida na poltrona, e fiquei calada.

4 de julho de 1962

Ontem, a senhora saiu, e eu fiquei sozinha. Dois homens de uniforme azul tocaram a campainha. Um carregava um pacote numa caixa, outro tinha uma ferramenta na mão. Quando me viram, pareceram surpresos. A visão do pacote me fez pensar no explosivo plástico que se vê por todo lado agora. Eu disse então: “O que os senhores querem?”. O sujeito do martelo respondeu: “Vim instalar grades no banheiro”. Eu não tinha o que dizer, mas mesmo assim retruquei: “Não é aqui”. O sujeito insistia: “É aqui, sim, chame a dona da casa para mim!”.

Com medo do pacote que ele carregava debaixo do braço, eu disse: “Eu sou a dona! Se é explosivo que vocês estão trazendo embaixo do braço, vocês se enganaram de edifício e de moradora. E sobretudo não deixem esse pacote aqui, que eu o jogo de volta na cara de vocês”. O que o medo não nos faz dizer ou fazer!

Eles começaram a rir alto: “A senhora não pediu explicações, mas já instalamos grades em todos os andares. No ano passado, ladrões passaram pelo pátio; então foram tomadas as devidas precauções. Enquanto estamos aqui, passamos para ver se lhe interessa! A senhora não quer fazer a mesma coisa?”. Um pouco mais tranquila, respondi: “Não, eu não quero fazer a mesma coisa! Podem ir embora!”.

Eles se dirigiram até o elevador: “Ainda assim, a senhora poderia ter sido educada!”.

Nem cinco minutos tinham se passado antes que a voz da patroa, em alto e bom som, chamasse a minha atenção: “Mas quem ela pensa que é!”. A patroa trazia os homens de volta. “Por que não lhes disse para esperar?”. Retorqui: “E se eles trouxessem uma bomba para cá, com tudo o que está acontecendo agora?”. Mais uma vez, ela me achou esquisita e não respondeu nada.

8 de julho

Da minha terra recebi uma carta e recortes de jornais: era minha mãe me contando sobre o acidente com um Boeing em Pointe-à-Pitre. Mãe é mãe! Ela não quer que eu esqueça, fica falando sobre os acontecimentos mais irrelevantes possíveis da nossa terra: há anos ela mantém o meu coração aceso, e agora, enquanto procuro no porão as malas da patroa, que se prepara para tirar férias, é como se o vento alísio refrescasse todo o cheiro insosso que emana deste antro bolorento. Pensar na minha terra sem porões aquece o meu coração! Arrasto um caixote cheio de garrafas, e lembranças de outrora não saem da minha cabeça: pelo menos assim as horas vão passar mais rápido hoje. Quando penso, esqueço os lugares e as pessoas ao meu redor, possuo um universo próprio, sou um robô, trabalho três vezes mais do que o normal, mas são apenas os braços que se movem, a mente está em outro lugar. Não saberia dizer quantas vezes fui e voltei do porão para o apartamento! Ao sair do elevador, a voz do patrão me tirou do transe; ele dizia à esposa:

“Admita que eu tirei a sorte grande, não é sempre que você tem uma faxineira assim. Não é sempre que eu a vejo na labuta, mas ela dá duro mesmo!”

A senhora replicou:

“Essas mulheres têm isso no sangue!”

Finalmente, Carolina, um depoimento que não fala de negros cochilando, um espanador sobre as pernas!

17 de julho de 1962

Com um ar culpado, meu patrão, antes de sair, entrou na despensa e colocou, no pequeno armário dos produtos de limpeza, uma grande caixa de chocolates: “Isso é para a senhora, para seus filhos. Volte em setembro, a minha esposa ficará contente”. Mas a patroa não ousou me dizer isso diretamente; foi tantas vezes arrogante comigo que imagina que eu não quero voltar. Pois bem: há um elemento no grupo digno de interesse. Será que vou voltar?

10 de agosto de 1962

Faz um mês que parei de escrever, de falar com você, Carolina, porque meu primogênito riu, ele me disse, com sua lógica infantil, que era ridículo escrever para uma pessoa que jamais vai me ler. Sei disso, repetia para mim mesma, bem baixinho, mas naquele momento ele me disse em alto e bom som, tanto que seus irmãos repetiram em coro: “Pois é! Por que você conta coisas para a Carolina? Ela não fala francês”. Nós não falamos o mesmo idioma, é verdade, mas o do nosso coração é o mesmo, e faz bem se encontrar em algum lugar, naquele lugar onde nossas almas se cruzam. Hoje, recuperei a paz de espírito e conversei com você, me sinto descansada. No livro *Imitação de Cristo*, destaquei um pensamento: “A glória do homem virtuoso é o testemunho da boa consciência”: está escrito no começo do sexto capítulo. Essa consciência tranquila, contudo, não consigo ter, não com facilidade. A vida me deixa em estado constante de revolta, e não é por causa de Deus, mas dos homens. A patroa foi

com sua família praticar esqui aquático, mas antes ela não comeu quase nada para entrar em forma! Ela provou seu biquíni na minha frente, eu vi umas gordurinhas que saíam daqui e dali, apesar de tudo. Quando se está na idade das gordurinhas e bem de saúde, por que tornar a própria vida um inferno para perdê-las? Ela partiu debilitada e acreditando ter voltado à boa forma. As garotas me disseram daquele jeito de sempre “Bom dia! Boa noite!”, e sumiram dentro do seu Citroën ID.

Voltei para o meu lar e para a criançada! Três meses de remendos estavam à minha espera, além de uma bela faxina em casa: já era o bastante para preencher as férias. Mas não deu! Meu mundo veio abaixo. O meu Jean-Marc, que estava brincando do lado de fora, voltou com o rosto torto. Quando falava, ele parecia fazer uma careta; pedi que ele falasse direito, ele me lançou um olhar desesperado. Percebi que não estava brincando, algo sério tinha acontecido. Fui ao médico, de avental e tudo. Ele me encaminhou imediatamente a um especialista. Peguei correndo um táxi em direção ao consultório desse doutor. Lá chegando, o médico pediu que meu filho assobiasse, olhasse para o teto, depois para o chão, movesse os músculos do rosto, provocando uma careta horrorosa. Foi diagnosticada paralisia facial de causa desconhecida. Meu filho necessitava ser levado ao maior hospital de Marselha.

Um hospital é algo maravilhoso! Mas a hierarquia toda que há nele geralmente o transforma na antecâmara do inferno. Minha pobre Carolina! Fui embora com meu menino, apreensiva com a ideia de que ele poderia ficar lá. O médico plantonista me disse:

— Não se preocupe, deve ser uma forma de poliomielite!

A simples menção a essa doença terrível me deixou de cabelo em pé. E logo começou uma série de exames.

Com uma voz angustiada, perguntei ao meu garoto se ele se sentia bem; ele disse que não, e achei que sua boca crispada estava ainda mais deformada, seus olhos minguados.

O especialista desapareceu. De forma exaltada, uma enfermeira me disse:

— Depressa! Pegue o sangue do seu filho e leve com este

bilhete à Faculdade de Medicina, lá procure pela sra. X...

Peguei meu filho, que felizmente não havia sido hospitalizado, e pulei para dentro de um táxi.

A faculdade triste e deserta durante as férias era desoladora. Perguntava a mim mesma em qual porta entrar no grande hall. Havia muitas, e todas eram iguais. Saltei os poucos degraus que ali havia. Alguns homens de branco circulavam naquele espaço. Precipitei-me na direção de um deles e disse:

— A sra. X... por favor, é para uma série de exames, é urgente.

O outro respondeu:

— Exames? Aqui não, aqui é uma faculdade — disse ele com ar arrogante.

Eu insisti:

— Mas está escrito no papel! — e saquei a folha que a enfermeira tinha me dado. Ele ajeitou os óculos, examinou o documento e foi consultar um médico plantonista:

— Pode ser aqui? — perguntou.

O homem que ele tinha procurado disse:

— Talvez! Pegue a primeira escada, é no terceiro andar.

Continuava a perguntar ao meu filho como ele se sentia. Ele dizia:

— Estou bem, está tudo bem.

Ele andava atrás de mim sem dar sinais de cansaço. No terceiro andar, o hall era tão impressionante quanto no térreo. Entre os laboratórios fechados, salas de estudo vazias abrigavam apenas grandes bancos maciços e envernizados, como se fossem vigias imóveis. Jean-Marc soletrava cada palavra inscrita nas portas fechadas, palavras terminadas em “gia”; em outro contexto, aquilo poderia ter sido alvo da minha curiosidade. Mas naquele momento tudo parecia sinistro, até mesmo o ruído dos nossos passos ecoando nos corredores intermináveis. Meu filho parou em frente a uma porta e leu: “Anfiteatro”.

— Deve ser aqui — ele disse, apontando o dedo. Um arrepio fez meu corpo tremer de cima a baixo, e tratei de tirar o menino dali.

Eu tinha andado de ponta a ponta os duzentos metros de corredores do terceiro andar sem encontrar viva alma. Voltei para o local onde estavam os homens de branco.

— Não há ninguém lá em cima — eu disse —, e é uma emergência. O meu menino pode estar com poliomielite, os exames são urgentes, e ele precisa descansar. Saímos de casa de manhã cedo, o frasco de sangue está esquentando na minha bolsa.

Um deles respondeu:

— É preciso voltar ao hospital e pedir mais informações sobre onde a senhora quer ir!

Nesse exato momento, Jean-Marc me disse que estava cansado, e vi seu rostinho mais abatido que antes. Quase aos gritos, eu disse:

— Mas é um absurdo, é quase meio-dia! O doutor e as pessoas que me mandaram para cá já vão ter ido embora, olhe o meu menino! Não posso mais fazê-lo andar nesse sol! E a bendita solidariedade humana existe apenas na tevê e no cinema?

Minha revolta mexeu com um deles. Ele pediu que eu esperasse e foi até um telefone, disse algumas palavras e fez sinal com a mão para que o seguisse: no final do corredor, uma mulher jovem, bonita, morena e sorridente apareceu. É bom um sorriso depois de tanto tempo vendo rostos hostis ou tensos de pessoas que só pensam na hora de ir embora. Aquele sorriso, Carolina, tocou fundo meu coração, e toda a agitação da minha mente apreensiva se acalmou. A mulher de branco se impunha pela calma. Expliquei-lhe o que queria, e ela respondeu com uma voz ponderada:

— A senhora perdeu tempo! De fato é para mim: eles deveriam ter me telefonado antes! Em quinze dias, os resultados serão comunicados ao seu médico; continue com as vitaminas e espere! Vai dar tudo certo!

Agradei e olhei para o rosto torto do meu filho, me senti abandonada pelos homens. Fiz um sinal e disse: “Que seja feita a vontade de Deus”. Jean-Marc repetiu meu gesto e minhas palavras. Ao entrar no táxi que deveria nos levar de volta para

casa, ouvi o seu murmúrio: “Que seja feita a vontade de Deus”.

Minha velha Carolina, após um medo tão grande, me senti regenerada ao pronunciar essas palavras, perfeitas para a minha alma de mulher negra, e um outro eu havia substituído aquele que minutos antes se desesperava por tudo. Trata-se da resignação, dom que Deus dá aos infelizes. Ela impede a revolta, os atos e as palavras impróprios.

No fundo do táxi havia uma revista esquecida por um cliente; eu a folhee e parei ao ver as fotos de Marilyn, que acabara de se suicidar. Se ela tivesse conhecido a fé ou a resignação — ela precisava apenas levantar o mindinho para ter à sua disposição todos os especialistas da Terra —, não teria se matado. Fiquei arrepiada só de pensar nisso, e entrei em casa com o meu menino, umas injeções de vitaminas e repetindo maquinalmente: “Que seja feita a vossa vontade”.

11 de agosto

Carolina, você sabe o que acontece? Tenho um público atento que me pergunta sobre a continuação do meu livro: minhas crianças! Eles me leem! Riem! Exclamam! Tenho que fazer alguma coisa enquanto espero que o tratamento de Jean-Marc funcione: então escrevo, o doutor vem de dois em dois dias, incitando o menino a fazer caretas e me encorajando. Para ajudar meu filho a ficar tranquilo, faço um grande esforço, a promessa de um novo capítulo ainda durante o dia faz o tempo passar mais rápido para ele e o encanta: ele se aproxima de mim e pergunta: “O que você está escrevendo? Lê para mim!”. Eu leio, ele pede a continuação, e sou obrigada a continuar, a tal ponto que o que escrevo ganha forma, meu marido não diz mais que o manuscrito é muito fino; até me empresta suas canetas esferográficas, e isso não é pouca coisa vindo dele! Os outros membros da família corrigem, quando podem, os erros de ortografia. Tudo teria sido encorajador se nesta semana, no rádio, eu não tivesse ouvido um escritor profissional contar que precisa de três anos para finalizar

um livro, fazendo só isso da vida! Se começo a trabalhar no manuscrito, fico cansada com os pensamentos rodando sem parar na minha cabeça. Tudo muda conforme a ocasião, e as ideias de ontem mudam de forma de acordo com o local ou a hora, só é preciso colocá-las no papel. Entretanto, eu deveria ter relido o que escrevi enquanto descascava os legumes.

20 de agosto

Renélise quer descansar um pouco, e sua patroa lhe pediu para encontrar uma substituta por dez dias. Então ela veio me visitar, toda graciosa, toda delicada com seus olhos de ébano e suas longas tranças, dispostas como uma coroa. Se ela não se penteasse assim, seria um “arraso”. É claro, ela me falou de Fort-de-France, de seus parentes, a quem envia algum dinheiro no final de cada mês. “Se estivesse na fábrica de tâmaras ou de anchovas, precisaria pagar meu quarto, a alimentação, e tudo mais... Ao passo que trabalhando na casa de alguém, na da minha patroa pelo menos, consigo economizar dinheiro; minha patroa me dá sempre um pouco mais, já que eu acabo fazendo uns trabalhos extras.”

Concordei em substituir Renélise por dez dias, ela me falou tão bem dessa patroa que me apresentei cheia de boas intenções. Logo entendi que seu marido estava em tratamento em Vichy e que ela ficava no vaivém entre Carry le Rouet e Marselha, só para passar um tempo com ele. Ela disse a um jovem, surpreso por me encontrar ali naquela manhã, uma vassoura nas mãos:

“Essa é a senhora que substituirá Renélise por dez dias.”

Virando-se para mim, ela acrescentou:

“Este é o sobrinho do meu marido!”

A patroa é magra e tem uma aparência de quem pratica esportes: cabelos negros com um corte reto, o que lhe confere um ar sério. Logo me deixou os tapetes e a vassoura, partindo com seu sobrinho. Ao voltar, perguntou se eu tinha achado o sobrinho gentil! Respondi que não tinha prestado atenção.

22 de agosto

Aquela senhora não se preocupa com a faxina: com ela, não há tapete a ser limpo dez vezes seguidas, tenho que lhe dizer onde estão os objetos mais banais. Eu, que estou na casa não faz dois dias, fiquei constrangida. Para se desculpar, ela me disse:

“Peguei o hábito de deixar tudo aos cuidados de Renélise, entende?”, e recomeçou a falar do sobrinho do patrão.

24 de agosto de 1962

Levei meus filhos ao zoológico para que se divertissem um pouco. Como em todas as tardes, quando saio, Jean-Marc fica com o pai, recém-chegado do trabalho. Ele também gostaria de aproveitar o passeio: os músculos do seu rosto voltaram ao lugar, somente o seu sorriso deixa entrever um risinho de canto de boca anormal, provando que ele não está completamente curado. Mas os outros, Carolina, precisavam dar uma volta. Eles se precipitaram pelas alamedas do zoológico e, talvez pela vigésima vez, ficaram extasiados diante dos leões já envelhecidos, diante do urso-polar tão desgrenhado e de um velho animal, semelhante a um hipopótamo, que estava mergulhado na água morna da lagoa, boa somente para os patos. O passeio os deixou com sede, e eles invadiram, após a caminhada, as magníficas sombras dos plátanos bem cuidados. Lá se encontram os quiosques. Nos bancos, na verdade por toda parte, os namorados se beijam, acreditando estarem sozinhos no mundo. Não os observo, é tão normal na Europa, as pessoas fazem sexo em qualquer lugar, e aquilo não me surpreenderia se meus olhos cabisbaixos não tivessem reconhecido os sapatos brancos da patroa cuja casa eu tinha limpado tão bem ontem. Meu olhar deixou os calçados e seguiu o resto da silhueta que eu enfim reconhecia. Estavam lá a patroa e o sobrinho do patrão, num abraço carinhoso. Depressa peguei os meninos e saí dali, desejando não ter sido vista por ela.

25 de agosto

Ela tinha me visto! Perguntou o que eu achava do sobrinho do patrão! Eu respondi: “Ele tem um jeito de idiota”. Não é verdade! Ele está mais para Johnny Hallyday! Mas eu não conseguia me controlar, eu via o patrão suando e ofegante nas saunas a vapor (foi ela que me contou), enquanto o sobrinho, responsável apenas por colocar a correspondência no correio, apalpava sua esposa. Quando disse que ele tinha um jeito de idiota, a mulher pareceu escandalizada, virou-se e me jogou na cara, no momento em que eu saía, que Renélise trabalhava melhor. Nessa mesma noite escrevi para Renélise encurtar a sua folga, pois eu iria dar o fora daquela casa.

28 de agosto

Renélise voltou de noite: contei o que tinha visto e como a patroa estava “de mau humor” havia dois dias; ela riu e me confidenciou que estava a par fazia muito tempo, que até passava os recados entre os amantes quando o patrão estava lá. Ela era a confidente fiel e assalariada. Ela chegou a me dizer que era melhor que a patroa estivesse envenenada com sua vida dupla, que tudo isso lhe era indiferente. Eu disse: “Ainda assim, e o patrão?”.

Ela respondeu: “Um porco velho, que vive atrás de mim!”.
Estou feliz de deixar essa casa.

1º de setembro

Vou substituir alguém numa casa enorme até o dia 15. A patroa dessa casa não faz muita sombra, levanta a cabeça para me ver, sempre com os seus saltos incríveis, ela é *pied-noir*^[3] e gentil. Tal como o marido, ela é professora, é exuberante e suas palavras são como ondulações harmoniosas! Ele é discreto e tranquilo. Noto

*image
not
available*

única pantufa junto às mesinhas de cabeceira e que seria bom que continuasse assim. Despedi-me da sra. “Pouca Sombra” e da sua família. Ela falou do seu pesar em me ver partir e me pediu para encontrar para ela “uma mulher como eu”. Entendi que ela queria uma pessoa que dissesse “Sim, senhor”, “Muito bem, senhora”, “Perfeitamente, senhorita”. Uma pessoa que nunca resmungasse. Só não faço isso porque odeio resmungões. Mas como achar uma sócia? Braços, sim, tem aos montes em Marselha, mas cabeças que dizem “Com certeza, senhora”, embora por dentro cantarolem “Com certeza é ridículo”, eu não acredito. Carolina, mesmo querendo ser desagradável com as patroas, eu me controlo, para o bem das minhas irmãs que chegam em barcos lotados para viver na França. Sim, minha velha, é assim mesmo!

Desde que Martine Carol trouxe das Antilhas uma negra para cozinhar na sua casa, patroas de todo tipo aderiram à moda. Pagam a viagem para as meninas que desejam conhecer novos ares, e opa! Mulatas, *chabines*,^[4] negras e cafuzas deixam a ilha e logo se veem com o aspirador na mão, primeira lição para entender como a banda toca por aqui. E elas ficam surpresas! Conheci Jeanne, ela está no prédio onde mora a sra. “Pouca Sombra”; foi trazida para cá, encontrei-a no elevador, uma grande cesta de frutas no braço. Ela me olhou com curiosidade, e perguntei em patoá o que estava fazendo ali. Ela disse que foi alojada no sótão. Ela me esperou na saída e me contou que, no seu emprego, toda a família estava fazendo regime. Para aquela garota rechonchuda acostumada a comer fruta-pão de dois quilos, os patrões oferecem duas alcachofras e um ovo, à noite. As alcachofras vão direto para o lixo, ela nunca conseguiu entender como alguém podia comer aquilo! Ao meio-dia, tem direito a um bife e quatro folhas de alface. Jeanne pegou na cintura, esticou-a e disse: “Olhe como emagreci, não tem nada para comer, tirando um pouco de pão”.

Carolina, dessa vez me fiz de surda! Não estou aqui para tirar da lama todas as garotas que vou encontrando! Meus lábios murmuraram, mas na minha cabeça alguma coisa gritava: é o

*image
not
available*

29 de setembro

No pátio, seis andares abaixo, um tanque dormia em paz, a patroa olhou para os meus sessenta e oito quilos e queria que eu fizesse vaivéns entre o apartamento e o tanque, bacia de roupa debaixo dos braços! Nunca quando o patrão está lá. Eu poderia ter ido embora, mas, se saio, jamais vou saber até que ponto uma patroa pode ir diante de uma empregada negra. É melhor que seja eu quem constate isso, especialmente porque à noite, ao chegar em casa, posso cair na gargalhada com a minha família. Uma coisa é certa, o outono começa e a água já está mais fria, minha partida está relacionada ao barômetro; quando estiver quatro ou cinco graus perto do tanque, saberei que é hora de partir. Depois de lavar a louça na água fervente, deixo os braços imersos na água fria do tanque durante horas.

A patroa pensou que eu estava farta daquilo tudo, então me passou umas “coisas antigas”, acreditando assim quitar a dívida comigo. Ela me vê como uma pessoa completamente ignorante, incapaz de reagir, mas acho que à noite ela tem dificuldade em dormir: seu subconsciente, na verdade! Por oito vezes subi os seis andares, pois não se pode molhar o elevador! Como você quer que ela durma, Carolina, com aquele pecado graúdo na consciência? Se contasse ao meu marido, ele gritaria comigo, e eu seria obrigada a interromper a minha experiência, só me resta ficar de boca fechada e aguentar o rojão.

O patrão jamais estando presente, é a patroa que reina absoluta sobre tudo que a rodeia. Suas filhas não ganham mesada. Nunca há nem um mísero pedaço de pão sobrando, nunca um pedaço de queijo a mais, como na minha casa. O caçula tem direito a dois quadradinhos de chocolate para o lanche, ele engole tudo de uma vez. Sei que ele ainda tem fome: quando sua mãe não está, eu dobro a sua ração, e o menino dá cambalhotas de alegria. Há uma diferença tão grande entre ela e a sra. “Pouca Sombra”! Aqui não temos o direito de beber um copo de água, uma faxineira não pode ficar com sede, não pode ter nenhuma necessidade natural, perderia cinco minutos.

*image
not
available*

dedos, ela comprou uma caixa inteira! Como agravante, seus dedos sabichões começaram a passear atrás dos aquecedores exatamente no momento em que já deixara toda a minha energia nas escadas, aquilo era pior do que uma linha de produção. E os lenços, auxiliares diretos da sinusite, que não devem ser esfregados com a escovinha destinada a esse fim, como faço na minha casa! E a minha raiva que se enchia de nojo ao fazer aquilo! E os quartos cheirando a mofo, que não são arejados antes da chegada da empregada, são detalhes que nunca esqueci, quando, mais tarde, tive a oportunidade de contratar alguém.

Lembrei-me de tudo isso quando fazia, pela sétima vez, o trajeto até o terraço para pegar os tapetes. O plano não era partir hoje, sabia apenas que a hora havia chegado, mas não tinha decidido o dia, tudo aconteceu por si só. Disse de uma vez só: “Senhora, estou indo embora!”, e dobrei o avental. Ela respondeu: “Mas, afinal, a senhora está doente? O que há então? Me dê um tempo para pedir alguém à agência!”. Agora tenho certeza de que partirei, dei-lhe todo o tempo que ela queria, contanto que eu não voltasse ao tanque. Ela aceitou o compromisso.

No entanto, Carolina, sou uma pessoa privilegiada, quando deixar a patroa e seus panos de pó, tenho um abrigo, uma família à minha espera e mais trabalho do que se pode imaginar. Na mesma hora tenho com que me entreter, o rancor não me consome. Como lamento as antilhanas que são forçadas a ficar vinte e quatro horas por dia com essas lunáticas a quem servem de cobaias! Muitas vezes nem devem ter coragem de comer!

30 de outubro

Pessoalmente, não fico triste com a maneira como a patroa me trata, ela é assim com todo mundo ao seu redor, em geral. Quando as crianças voltam do colégio e comem uma maçã a mais, toda a casa treme com o ataque de nervos da patroa. Hoje aconteceu de novo, a menina devorou um iogurte sem

*image
not
available*

naquele momento me tranquilizou: eles tinham uma bolsa, mas qual era a cor da minha e o que ela continha? Listei tudo, salientando que havia junto um caderno que me era caro. Ele sorriu e deu uma olhadela para um dos colegas. Fiquei constrangida, compreendi que ele não só tinha visto, mas provavelmente folheado o caderno. Asseverou então que precisava falar com o chefe da estação para me entregar a bolsa, que eu precisava voltar no dia seguinte.

6 de novembro de 1962

Voltei hoje de tarde e recuperei o que era meu. Os caras do guichê me olhavam com curiosidade: afinal, eles não tinham nada que ler o meu caderno e as minhas confidências.

8 de novembro

Estou com uma dor de garganta das brabas, que me obriga a ficar em casa. Repouso na cama. Mas não conheço muitas donas de casa que ficam na cama. Pessoalmente, me concedo o direito de ficar em casa com essa chuva que não para de cair. Mas há muito o que fazer aqui! Meus filhos estão crescendo, eles têm um jeito todo deles de abrir os braços para me mostrar que suas roupas estão curtas demais! Preciso aproveitar a doença para aumentar em alguns centímetros o comprimento das camisas.

Tem ainda a minha filha, que começou a dar bola para a aparência. Quando ela não gosta mais de um vestido, curva as costas ou fica na ponta dos pés: “Curto demais! Apertado demais! Mãe!”. Finjo que não vejo, que não ouço, mudo uma gola ou a cor de um botão, e ela fica satisfeita.

Hoje o meu menino mais velho, que é lobinho nos escoteiros e está se preparando para tirar o “seu certificado de primeiros socorros”, pediu para deixá-lo cuidar de mim! Oh, Carolina, juro! Não é engraçado? Ele me preparou um chá de tília que

*image
not
available*

de mim, apago o abajur, desligo o rádio, solto o lápis e tento dormir.

18 de novembro de 1962

Meu marido acredita que, para curar um resfriado, não há nada melhor que se sacudir, ele voltou com dois ingressos para o banquete da festa dos departamentos franceses. Resmunguei à beça, mas acabei indo: pagando vinte francos por pessoa, tínhamos direito a discursos, carne e batatas com certeza refogadas com banha de porco. Ainda bem que a atmosfera nos fazia esquecer a comida. Quando vi chegarem os grupos folclóricos, parei de pensar no que poderia ter feito com os quarenta francos que havíamos gastado. Os corsos, mestres da arte regionalista, imediatamente nos fizeram esquecer que a carne do banquete não estava macia. Os bretões e suas gaitas de fole me fizeram sonhar com charnecas, ondas fortes e névoa: naquele momento, meu marido parou de dizer que não gostava de batatas, mesmo refogadas. Foi quando as “antilhanas” chegaram! Três mulatas que nunca tinham pisado nas Antilhas! Elas dançavam, uma cintura mais dura que a outra. Felizmente, tinham rostos encantadores. Elas eram donas, foi o que ouvi, de um carro comprido. Há muitas meninas das Antilhas em Marselha, sabem lavar a roupa da patroa ou cozinhar a sopa do patrão, mas destas os governantes antilhanos não querem tomar conhecimento, e ainda assim elas conseguem levar um cacho de banana na cabeça — coisas da região que ninguém quer ver. No entanto, o europeu nos ama como somos, com nossas tradições, nossos hábitos, nossas vidas tecidas com risos e lágrimas! Pois então, Carolina, quase me rebelei quando uma das mulheres de cintura dura da minha terra me disse que nunca aceitaria cantar um beguine crioulo nessa “língua de selvagens”. Aquilo era o fim da picada, preferi interagir com os corsos. Evidentemente, após as apresentações dos grupos, dançamos.

*image
not
available*

é tão semelhante à sua luta para não morrer de fome que digo a mim mesma: “Meu Deus, uma vez que você permitiu que isso acontecesse e que você continua permitindo, deve haver um motivo”. Talvez para que os ricos, ao ler o seu diário e as minhas cartas, possam fazer melhor uso dos bens materiais. Talvez também para que nós, os pobres, que não o somos mais completamente, olhemos um pouco para aqueles que estão enterrados até o pescoço na miséria? Eles estendem os braços, abrem as mãos, como eu e você já vimos, e muitas vezes suas mãos nada apanham. Eles se voltam então para Deus, a barriga apenas cheia de resignação e esperança por um futuro melhor para aqueles que viverão no século do átomo. Um fragmento de átomo! Centenas de milhares de pães! Somente pão, sem nada em cima, para centenas de milhares de homens que morrem de fome! Uma pequena bomba de hidrogênio: milhares de metros de tecido grosseiro revestindo corpos ressecados pela monção do Pacífico ou pelo harmatã da África... Mas droga: percebo que sou eu quem vê isso, a realidade é bem diferente. A inflamação na garganta foi embora, o Natal se aproxima, vou procurar um jornal para examinar em detalhes as vagas anunciadas para trabalhos em casa de família, lá tenho certeza de que encontrarei exatamente o que procuro. Depois vou ver o que aconteceu com o meu mendigo que toca violino quando passo. Ele toca quando dou um franco, logo que recebo meu ordenado das patroas, mas há muitos sábados que não passo por ele... Ele é mendigo, nunca compra vinho, mas corre para o vendedor de sanduíches e pede um de linguiça com bastante mostarda; para ele, é um banquete. Acredito que aquela silhueta arqueada, aquela barba branca e aqueles doces olhos azuis de Jesus esperando que eu passe valem trinta minutos do meu trabalho. É uma resposta às minhas preces.

*image
not
available*

daquele violino; como acompanhamento, ele cantarolava “Oh, Magali!” com o autêntico sotaque da Provence. É isso, fiquei perturbada, Carolina.

É a época de trocar presentes, odeio receber sem dar: uma senhora pagando três francos por hora seria uma boa, mas está muito frio e as bacias nas varandas ou nos pátios me matariam. A experiência penosa na casa de terceiros me faz desfrutar do meu lar e me permite pagar os meus caprichos.

3 de janeiro de 1963

A jovem que tirei do meu bairro me escreveu. Ela subiu um degrau na sociedade, “chegou” a Paris, é auxiliar de serviços gerais num hospital, para ela não se trata de um sonho realizado, mas lhe permite sentir o gostinho da liberdade. Carolina, olha o que ela me diz: é mais simples copiar a carta do que explicá-la a você.

“Apenas antilhanas fazem esse tipo de trabalho. Não tem graça nenhuma, mas vejo outras compatriotas e isso me dá força. Dizem que em breve poderei me tornar auxiliar de enfermagem. Faz cinco meses que estou em Paris e ainda não vi quase nada: só ando de metrô, é mais rápido; tenho dois dias de descanso por semana, aproveito para escrever à minha família, lavar roupa e cozinhar um pouco. Moro no Quai de la Rapée, da minha janela só vejo o Sena, nesses dias o rio leva consigo cubos de gelo, e um nevoeiro me impede de distinguir as barcaças que circulam por ali: isso dura quase toda a manhã (quando estou em casa). Divido meu quarto com outras duas compatriotas, que também trabalham em hospitais. Não há problema para dormir, pois à noite sempre tem uma fora de casa, na labuta. Assim, ficamos menos espremidas. O dono do apartamento nos dá um recibo de sete mil francos, em nome de uma de nós, e pagamos individualmente vinte mil francos velhos: as duas outras inquilinas do quarto têm direito a um atestado de acolhimento. Nunca recebi um comprovante pelos vinte mil francos que pago,

*image
not
available*

“Sei que, com o frio, você fica por aqui, vim lhe trazer meus votos de feliz Ano-Novo antes do fim de janeiro. Não trabalho, pedi minhas contas para a ‘minha madame’. Imagine que a peguei em cima de uma cadeira, atrasando o relógio do vestibulo. Achava os turnos dos dias muito longos fazia tempo! Jurava de morte cada ônibus que me fazia chegar atrasada. Até dei o meu relógio de pulso para um relojoeiro consertar, mas era inútil! Sempre chegava com meia hora de atraso. Foi então que, na véspera do Natal, precisei comprar um pouco de visco para o meu presépio, ia dizer para ‘a madame’ que queria sair um pouco mais cedo, foi então que a vi, sim, minha velha amiga, a ‘vi’ empurrando o grande ponteiro do relógio com o polegar meia hora para trás! Pensei que estava sonhando e prometi a mim mesma ficar de olho: durante toda a semana que antecede o Ano-Novo a vi refazer o mesmo gesto. Então, no dia de réveillon, eu lhe disse que ela me devia cento e vinte meias horas, que ela podia descer daquela cadeira. A família dela tinha vindo de todos os lados. Bem alto, perguntou o que eu tinha, se estava maluca, respondi que havia uma semana a observava e que, sem entender, havia três meses eu sempre chegava atrasada em casa. Aquela mulher desprezível ficou vermelha com a confusão, e eu vermelha de raiva. Falei em entrar na justiça, ela pagou o que devia dizendo que aquilo era uma gratificação, que não admitia minhas declarações. Claro que me demiti, fiquei em casa! Roubar meia hora de uma pobre negra, enquanto se viaja de avião para praticar esportes de inverno! É degradante, você não acha?”

Solange riu como só ela sabe fazer.

Então Cécile chegou, com uma caixa de doces. Solange disse: “Quem é essa negra? Ela é nova?”

Fiz as apresentações. Solange olhou para a aparência doce de Cécile e seus gestos ponderados, puxou os cabelos e exclamou:

“Jamais alguém deveria entrar na casa de uma patroa com um rosto como o seu. Não seria nada fácil! Faz vinte anos que trabalho na casa dos outros, ou quase. Cheguei no fim da última guerra, até peguei o tempo das rutabagas e da sacarina. Fiquei

*image
not
available*

compatriotas, todos acompanhados de europeias. Roland se orgulha de ter escolhido a mais bonita, e ele tem razão. Janine tem três filhos, mas conseguiu continuar jovial como um dia de primavera, seus longos cabelos claros acobreados e seu lindo rosto. Ela é toda sorrisos, e seus olhos brilhantes de ouro fazem esquecer o ambiente onde mora. Roland adora vê-la resplandecente, deu a ela de presente um vestido de tule preto salpicado de bolinhas prateadas. Ele disse: “Comprei na Rue Saint Ferréol, já que não posso oferecer um apartamento para essa mulher! Pelo menos a família dela não vai dizer que não lhe dou roupas!”.

Uma espanhola é a madrinha da bebê. Ciumenta, ela se agarra ao marido, que parece um gorila. Há também a vizinha de Janine: ela usa um vestido de veludo grená que valoriza suas formas protuberantes. Ela está lá, com seus quatro filhos, preparando sanduíches. E então outra boneca, toda platinada, que nem sequer levantou os olhos quando chegamos, tão ocupada estava deixando um guadalupense de olhos maliciosos lhe dizer galanteios. Todas essas mulheres, em seus vestidos de festa, tremem de frio no apartamento, mas não hesitam em deixar os ombros à mostra. Para elas, pareço alguém de outro mundo, com minhas calças de lã e meu suéter grosso, estava até de botinas.

Um monte de comida é colocado no antigo aparador pintado de branco. As mulheres fumam para fazer tipo, e uma névoa cinzenta nos envolve. Janine é gentil, gosto dela. Pego a bebê no berço e imediatamente, no cantinho onde me escondi, as crianças me cercam. Lá, posso olhar com toda tranquilidade para esse estranho universo. Disse ao gordo do Francis que meus sapatos me impediam de dançar o beguine, e os outros homens me deixaram em paz. Prefiro a companhia das crianças. As outras mulheres não dizem nada de consistente, mas uma coisa é certa: eu lhes inspiro confiança, e elas me fazem confidências. Janine gostaria que as irmãs do marido fossem como eu. Na verdade, Roland a escolheu: não canso de repetir para ele não bancar o galã com outras mulheres, ele já tem três filhos, isso é

*image
not
available*

a você, Carolina: com sua tez morena, ela é tão parecida comigo! Quando rezo uma oração à Imaculada Conceição, sei que estou invocando a mesma Rainha, mas lhe peço perdão por orar, caso ela não seja feita para mim. Aqui não é a mesma coisa: no momento fugaz em que consigo me aproximar da estátua, depois de ter seguido uma longa procissão, percebo que ela tem a expressão serena das mulheres da minha terra, que penaram muito na vida; talvez encontre o sorriso da minha mãe, a cabeça erguida das outras mulheres cujas histórias embalaram a minha infância! Sou eternamente grata a ela por me dar essa ilusão, e de modo egoísta quase acredito que foi feita para mim. Estou na fila, desço mais uma vez até a cripta da abadia, do famoso arquiteto Cassien. Ele fez bem o seu serviço, e essas pedras velhas estão lá para a posteridade. Dou uma olhada nos túmulos dos mártires, desconhecidos por muitos, que lá dormem, e sinto inveja de todos os povos que só precisam virar-se para trás para ler a história do seu passado, e grito no meu íntimo: “Onde está o meu passado? Trata-se de um nada?”. É quando o sorriso da Virgem Negra me tranquiliza, me acalma. Tem que ser idiota, Carolina, para pensar tal tipo de coisa, não é?

Munida de algumas velas, com as quais toquei os adornos da Virgem, sinto-me forte o suficiente para enfrentar a vida. Pois a vida não é apenas pensamentos, é realidade, e minha realidade é, neste 2 de fevereiro, uma coisa difícil: gastei até o último franco das minhas economias nos três meses de inverno rigoroso. Vou ter que procurar uma patroa não para continuar a minha experiência, mas para dar um jeito em questões mais urgentes, se não quero voltar em breve ao Crédito Municipal. O vendedor do mercadinho perto de casa estufou o peito e proclamou, diante da clientela atônita, que a salsa custava doze francos o quilo: de hoje em diante, seria preciso comprá-la. As batatas chegaram a um preço astronômico. No bairro, hepáticos não comem mais alcachofras. Eles costumavam comprar uma alcachofra e fazer um suco para aliviar o desconforto no fígado. O quilo está três francos. O espinafre tornou-se produto de luxo, e a alface anda custando seis francos o quilo. Nessa toada, todas as donas de

*image
not
available*

falava apenas de retornar à terra natal com sua família num imenso barco, das casas nas encostas do Tivoli e do sol cobrindo a Chapelle du Calvaire de Fort-de-France. Roland vivia aqui, mas ele não estava adaptado, procurava um paraíso mesmo no meio dos delinquentes. Não há nome para isso, melhor esquecer.

Janine quis se jogar no buraco, mas os vagabundos disseram:

“É besteira, isso não vai durar muito, ela gosta muito de homem, vocês vão ver!”

Saí dali, pois há momentos de sinceridade que a dúvida não deve macular.

16 de fevereiro de 1963

Não se fala mais a todo momento de Roland, e posso ordenar meus pensamentos. Assim, pude enviar algumas folhas do meu livro a uma grande mulher amante das Antilhas e dos antilhanos, minha cara Carolina. Rapidamente, ela me respondeu:

“Devorei a amostra do seu caderno, e um buquê de perfume e poesia me invadiu. É preciso, sim, continuar esse livro: cem vezes sim, é muito bonito.”

Pois é, eu poderia ter pulado de alegria, eu tinha agora um público leitor de duas pessoas, sem contar a família, que sempre quer saber a continuação dos meus escritos. Então, não, não pulo de alegria, estou ainda bastante apreensiva sobre o que sairá de todas essas horas colocando o preto no branco. Cécile me disse que eu não devia mais ir à casa das patroas, que devia escrever livros, muitos livros, que valia a pena. Ela chegou a me dizer que eles seriam publicados. Então comecei a rir. Publicar, eu! Não conheço ninguém do ramo, não tenho um centavo no bolso e já estou no outono da minha vida. Não posso nem contar com um físico extraordinário para atrair a atenção seja de quem for; sendo assim, como devo proceder? Cécile tem vinte e dois anos, mas sabe escolher as palavras para me convencer:

“Maméga, acredite em mim, é bom mesmo! Se eu pudesse escrever, faria o mesmo, não dá para desistir.”

*image
not
available*

também trabalhou a vida inteira junto às bacias em Marselha, está assolada por dores, e quem a visita, tirando as enfermeiras? Você faz que não vê, mas já passou dos limites. Olhe esta lorota:

“O círculo antilhano visa ajudar moral e materialmente os compatriotas infelizes, na medida do possível.’

“Veja bem, eu mesma lhe direi que, quando esses caras veem um antilhano infeliz de mãos bem calejadas, eles os esmagam de uma só vez. Não é somente por causa dos mortos que estou furiosa! Mas por todos aqueles que pagam enormes anuidades à Associação e a quem não se envia uma palavra reconfortante nos momentos de adversidade. E além disso, um ponche por duzentos e cinquenta francos, para mim que sou membro, é o cúmulo.”

Claro, Carolina, eu sabia que a estupidez antilhana havia chegado até aqui, mas Solange não me deixava dizer uma sílaba, ela estava fora de si. Sabia que, quando as faxineiras das Antilhas vinham à Associação em busca de um pouco de calor humano, depois de ter dado duro por semanas na casa das patroas, as filhas dos responsáveis as olhavam com um ar de NEFERTITI tão intenso que elas certamente renunciavam qualquer gesto de fraternidade. Elas preferiam frequentar as boates europeias.

Eu sei! Eu sei! E isso me incomoda. “Saber” e “não poder” são palavras que nesses momentos assumem um significado horrível. Para acalmar minha amiga, li um agradabilíssimo artigo de um jornal da nossa terra:

UMA MULHER TRANSFORMADA EM GADO

É o grande burburinho que corre em Saint-Esprit. Certa manhã o sr. G. encontrou uma vaca na sua mercearia, ele estava prestes a expulsá-la quando ela lhe teria dito:

“Olha só, sou sua esposa, não fique com raiva.”

O marido, entendendo que sua esposa estava possuída, foi buscar o padre. Este fustigou o animal, que, depois de retomar sua forma humana, foi levado para o hospício Colson. Transtornado, o marido seguiu para o mesmo destino.

Solange gritou:

“Não é possível! Em que ano isso foi escrito?”

*image
not
available*

30 de março de 1963

Enfim tiro os calçados e o cachecol. Sorrateiramente, ao lado da estrada, pequenas margaridas apontavam um caminho para o sol. No pátio da casa da vovó, há um pé de lilás que faz pouco tempo ainda estava lisinho, agora noto grandes moscas nos galhos esqueléticos! Aproximei-me para ver esse fenômeno de perto e reconheci botões que estavam prestes a ornar o arbusto, apesar do frio e da interminável geada deste ano. Também observei um pássaro planando no céu: acho que era uma andorinha! Marselha está revigorada, e as mulheres sentadas nos bancos públicos tricotam ao sol. Abri todas as janelas para dar as boas-vindas ao primeiro sol ardente do ano e desliguei o aquecimento. Não posso lhe dizer, Carolina, o que sinto com as mudanças de estação, para mim é uma eterna surpresa, acostuada que estava a uma terra sem inverno. Fico feliz em ver pessoas sem sobretudo curtindo o tempo bom. Quando os jogadores de petanca saírem com suas bolas para jogar, minha alegria chegará ao ápice, a estação dos ventos frios terá definitivamente terminado.

A vovó não estava acreditando! Fiz as suas malas, limpei a cozinha e a acompanhei até o ônibus que a levaria a uma casa de repouso perto do rio Durance. Ela me deu uma toalhinha de mesa de crochê, feita por ela, à mão, segundo suas próprias palavras. Não pude recusar, ela ficaria sem jeito. Ela ainda me garantiu, do fundo do coração, que não se esqueceria de mim em suas orações. Seus olhos, outrora azuis, ficaram cheios de lágrimas, emoção que também me contagiou. Dei meia-volta e gritei:

“Até breve! Seis meses passam rápido! Vou lhe escrever!”

Naquela velha mulher branca abandonada pela família, encontrei a minha mãe, que, em outras paragens, talvez tivesse precisado de ajuda, de assistência. No ônibus que me levava para casa, fiz a minha reza:

“Meu Deus, proteja aqueles que amo da solidão e do

*image
not
available*

localizada perto de um hotel estranho, na frente do qual mulheres maquiadas esperavam de pé, paradas. O livreiro, grisalho e sério, não parecia surpreso; ele tinha o livro que eu procurava, senti que não precisava falar sobre minha amiga escritora e, de supetão, perguntei:

“Tenho um livro para publicar, o que eu deveria fazer?”

Ele tirou os óculos e, apesar das folhas de acelga que brotavam da sacola e embelezavam suas vitrines, disse:

“Mas que maravilha! A senhora deve escrever para o Sindicato dos Editores em Paris, não sei em qual bairro fica, mas sei que existe um! Uma futura escritora em Marselha, que bom, que bom!”

Ele não sabe o que escrevi nem o que poderia ter escrito, mas adorava o fato de haver escritores em sua cidade. Gostei da sua reação. Ainda triste, voltei para a rua, convencida de que as palavras do livreiro não eram uma brincadeira de 1º de abril. As folhas demasiadamente compridas da acelga estavam me incomodando, tratei então de dobrá-las na sacola. Pela primeira vez na minha vida, ia a uma Agência de Emprego para Faxineiras. Nos bastidores das Agências Públicas de Mão de Obra, o indivíduo que entra pode escolher o emprego; numa agência para domésticas, não há escapatória. Todo mundo sabe o que acontece com as mulheres que vão lá.

Subi os seis andares até a agência. No vestibulo, seis cadeiras de madeira, enceradas por tantas saias miseráveis, já estavam ocupadas por mulheres cheias de esperança de encontrar um trabalho. As belas senhoras que procuravam uma empregada não se instalavam junto a suas futuras faxineiras, elas têm prioridade e entram na agência sem fazer fila. Observam com uma óbvia curiosidade aquelas que são obrigadas a esperar.

Perto de mim, de pé, uma senhora esperava sua vez de entrar na agência; ela tinha um cheiro bom, as mãos bem cuidadas e um olhar de abutre. Ela me olhava... me olhava, com aqueles olhos cruéis. Ainda bem que as empregadas não eram oferecidas aos gritos; rapidamente ela teria me levado. A senhora enfim entrou na agência e perguntou à agente se me conhecia. A agente, que

*image
not
available*

malcuidada; tendo em vista sua aparência, se fosse uma criança do meu bairro, já haveria atrás dela uma legião de assistentes sociais para saber se ela não sofria maus-tratos. Para andar, ela se apoia nas paredes; há algo de amável nesse bebê puxando o meu uniforme de maquinista.

12 de abril de 63

No primeiro dia de trabalho na casa da patroa, trouxe comigo uma marmita. Ela disse: “Não precisa de uma marmita, aqui não é uma cantina! Sempre haverá algo para comer!”. Assim, no dia seguinte, não levei nada de casa para o almoço. A patroa disse aquilo, mas seu marido olhou para mim de pé, com meus setenta quilos bem distribuídos, e disse: “Essa mulher deve comer feito um animal!”.

Ao ouvir a frase, perdi o apetite e, de noite, voltando para casa, senti meu estômago roncar, pois tinha hesitado em comer direito.

13 de abril

Carolina! Sinto que minha escrita vai se fartar de rir! O patrão, um velhinho de olhar inexpressivo, voltou trazendo ostras. Ele me disse:

“Senhora? Há vinho branco na geladeira? Eu trouxe ostras!”

No meu lugar, sua esposa respondeu de modo imperativo:

“Não!”

O senhor retrucou:

“E aquele vinhozinho branco que daqui a pouco azeda, a gente nunca vai beber?”

A patroa o deixou ir embora, me fez encher uma garrafa com um vinho vagabundo e, por fim, resmungou:

“Está bom assim!”

O marido retornou, me fitou com seus olhos vazios e disse:

*image
not
available*

pelos gases que entram pelo respiradouro! Nenhuma planta pode resistir, e as flores murcham rapidamente quando, por sorte, as compro!”

Ela se inclinou para a frente e me encarou com interesse:

“Mas a senhora é negra... como a outra que se foi. Tínhamos feito um quarto ali para ela.” Ela me mostrou um compartimento do porão. “Ela não ficou, pena!, tinha medo de acabar como o canário, com aquela fumaceira saindo dos carros, bem na frente do respiradouro, entende? Venha ver o quartinho!”

Ela abriu a porta. Nunca tinha visto nada mais triste do que essa miséria sem sol: uma cama mal-arrumada, cheia de calombos, duas cadeiras bambas, móveis tortos. Ela apontou para um buraco perto do teto, protegido por um vidro espesso.

“Faz muito tempo que não o abro. Quando me atrevo, cai um monte de poeira em cima de mim. Meu marido abria depois da meia-noite, quando passavam menos carros; a propósito, foi justamente assim que ele ficou doente!”

“E os patrões? O que eles estão fazendo pela senhora?”

“Nada, eu estou aposentada agora! A aposentadoria dos velhos! Antes, eu era a governanta, mas fiquei velha, e fui alojada aqui. Eu limpo as escadas: a família toda mora no prédio, primos, agregados! Eles compraram tudo! Cada vez tenho menos trabalho, sou muito velha, me disseram para morrer em outro lugar! Depois da Páscoa, irei morar num lugar para velhos como eu! Quando estou doente, fico dias sem que ninguém venha me ver! A outra negra me trazia tília de noite! A senhora vai morar aqui?”

“Graças a Deus, não! Mas quem são seus patrões?”

“Um cara importante do porto! A senhora sabe, eles são bilionários!” Sem amargura, a velha acrescentou: “É preciso ter ricos e pobres, não é? A senhora sabe bem que não deve ficar aqui! Quando eu for embora, eles colocarão uma empregada lá, lembre-se do canário”.

Havia despejado o lixo e me sentado na lixeira. Teria preferido dormir ao relento a neste calabouço infame. Disse à senhorinha que eu tinha uma casa embaixo dos pinheiros, longe

*image
not
available*

20 de abril de 1963

Dizendo estar com uma febre alta, a babá saiu: a família da patroa se surpreendeu, precisavam almoçar na cidade, e era o dia de folga da governanta, então recebi um avental branco e me disseram para tomar conta das crianças. O garoto fez um escândalo tão grande que o levaram junto, deixando comigo o frágil bebê de olhos doces. Quando todos se foram, a fofurinha veio andando na minha direção, me liberei das panelas que segurava e a peguei nos braços. Ela aninhou a cabeça no meu ombro como se sempre tivesse feito aquilo. Dei um beijo naquela coisinha que tem avós tão desagradáveis. A presença de pessoas inocentes em ambientes como aquele faz bem. Depois tive que adicionar uma ampola de não sei o que ao purê de cenoura enlatado, que ela devia engolir. Ela não queria comer, provavelmente estava farta dessas comidas de nutricionistas e babás. Peguei um aparelho no laboratório e pus para grelhar duas lindas bananas que tinha comprado na mercearia do bairro. Peguei uma colher e dei de comer àquela fofura, que abriu a boquinha diante de um cardápio tão inusitado.

Sem remédio nem choro, ela brincou e adormeceu enquanto eu cantava uma velha cantiga crioula.

Às duas horas da tarde, toda a cambada estava de volta, a vovó logo perguntando:

“Cadê a Evelyne?”

“Ela está descansando”, respondi calmamente.

A mãe da bebê disse:

“Mas o que ela tem? Ela não está doente, né? Não está com febre?”

Ela acordou a menina para aferir a temperatura: a garotinha

*image
not
available*

perdeu o norte, descontando uma semana do meu pagamento. Eu estava com raiva, porém ainda sabia contar, até reivindiquei as horas extras acumuladas desde a minha chegada; caso contrário, iria à Inspeção do Trabalho, que também está lá para mim, não é? A patroa pensou que eu sabia coisas demais, ela precisava de negras vindas diretamente do mato, que nunca ouviram falar sobre direitos sociais. Ela me pagou e me deixou ir embora.

Despedi-me da velhinha do subsolo e levantei voo, feliz da vida, feliz de nunca mais ter de encontrar aquela gente.

Ainda carrego a imagem daquela fofura aninhando sua inocente cabeça no meu pescoço, e também aquela de um ser sem familiares e sem amigos, vivendo em um porão sem sol, na casa de gente sem coração.

1º de maio de 1963

É Dia do Trabalhador, e há lírios-do-brejo em todos os lugares, até ousaram fabricá-los de plástico. As pessoas que os compram olharão para eles por muito tempo, e a deliciosa expectativa do belo mês de maio não terá mais sentido, visto que a cada dia as flores inodoras estarão lá para lembrar que maio já passara.

Estamos organizando o casamento na minha casa, cada um já tem o seu traje de cerimônia. O sol está por toda parte, e lamento quem não pode aproveitar.

3 de maio de 1963

Solange veio de Citroën 2CV dar uma ajuda. Não temos um laboratório equipado, mas como é bom aquilo que produzimos com as próprias mãos, bolos de coco, massas folhadas; Solange aprendeu a fazer pizzas na casa de uma corsa, paella com uma espanhola, rolinhos primavera num restaurante chinês. Ela tagarela, fica acelerada; diz que vai partir, para “subir de

*image
not
available*

martinicanos nascidos em Marselha sendo menos primaveris do que os outros, ou é o Natal que se aproxima justo quando acabo de renovar o guarda-roupa das crianças antes da volta à escola. Não me martirizo, este é o destino de muito mais famílias do que se pode imaginar. Mas o que me aflige é quando em casa falamos da avó:

“Como é a vovó Doudou? Ela tem cabelos brancos?”

Explico como é a sua casinha, embaixo de uma enorme ameixeira, as galinhas bicando a seus pés. O mais velho me disse para apostar nos cavalos. Nunca jogo, pois é muito difícil ganhar alguns francos, não ganho nada, mas também não perco. Então lhes digo:

“Quando tiver escrito uma biblioteca inteira, terei dinheiro e iremos visitar a avó de vocês.”

Hoje fui informada do primeiro livro da biblioteca, e todos os meus filhos já estão pensando na avó. Foi algo engraçado, Carolina, estávamos todos na frente da porta, esquecendo que tínhamos de entrar na casa, ansiosos demais pensando naquele lindo projeto, as crianças não deixando eu me mexer. Em seguida o pai deles chegou, estacionou a mobilete contra o plátano, ao lado da rua, as crianças correram e gritaram:

“Vamos para a Martinica ver a vovó Doudou!”

Imperturbável, ele respondeu:

“Ah, sim! Mas quem vai nos levar dessa vez, será o Papai Noel com uma caravela, ou vamos de outro jeito?”

Todos queriam contar, a carta, o homem da carta, as coisas escritas na carta!

Ele não perdeu o norte e me disse:

“Quanto vai custar para você publicar seus rabiscos? Você já pensou nisso?”, e logo se dirigiu às crianças: “Não se esqueçam então de trabalharem bastante se quiserem pagar a publicação do livro da mãe de vocês! Enquanto isso, parem de fazer piadas”.

Foi um balde de água fria sobre mim, e felizmente foi assim, existe um mundo inteiro entre o sonho e a realidade.

*image
not
available*

Paris em pleno verão, quando tudo está calmo e a Champs-Élysées é visitada apenas por alguns poucos turistas! Combinado, mas necessito ganhar o suficiente para pagar pelo menos o trajeto, por isso encho minha casa de jornais e mergulho em todas as seções de oferta de emprego. Encontrei:

DOUTOR PROCURA UMA EMPREGADA ANTILHANA.

Também li:

FÁBRICA DE CHICLETE PROCURA JOVEM PARA TRABALHO SIMPLES.

Fui então à fábrica, não muito longe de casa. É preciso chegar às sete horas da manhã, pois as grandes empresas da região desconhecem o trabalho em regime de tempo parcial. Continuei minha prospecção e vi num jornal o seguinte anúncio:

HOTEL DE L'ARRIVÉE PROCURA COSTUREIRA, QUATRO MEIOS PERÍODOS POR SEMANA.

17 de maio

Apresentei-me no Hotel de l'Arrivée, perto do Harlem: havia na porta muitas mulheres belas, maquiadas e de vestido curto. Pedi para ver a patroa. Uma delas, parecendo insolente, disse:

“Qual é o motivo?”

“É para o trabalho de costureira!”

A mulher deu de ombros e respondeu:

“Olha só! Mais uma! Até agora já foram cinco a se apresentar, e não gostaram de nenhuma! Vai entender!”

Atravessei o corredor estreito e cheguei à recepção do hotel, uma negra imponente me encarou sem a menor delicadeza.

“Se é para alugar um quarto, estamos lotados!”

“Não, é para o trabalho de costureira!”

“A senhora sabe costurar?”

“Sim, o que tem que costurar?”

Ela não me respondeu e continuou a me lançar um olhar inquisidor.

“Aqui é um pouco diferente, não quero pegar uma costureira que vai me trazer problemas! É por quinze dias, sem registro,

*image
not
available*

Não tinha lhe contado sobre o ambiente do meu trabalho: isso teria sido uma pá de cal na minha experiência documental. E só podemos falar com propriedade sobre o que presenciamos.

A hoteleira me deixou ir embora, subi na parte de trás do banco da mobilete, agarrando-me ao meu marido, que estava furioso. O vento refrescava o meu rosto e minhas ideias, embora não tivesse percebido que meu motorista não havia pegado o caminho mais tranquilo, como normalmente fazia para evitar a polícia. De fato, estava longe de ter catorze anos, limite de idade para andar na garupa de uma mobilete.

Ele acelerava por entre os carros, intrometia-se com incrível destreza no meio das filas de automóveis, acelerava pelas avenidas como um louco, o que queria dizer que ele estava realmente zangado. Nessas horas, é melhor deixá-lo aliviar sua irritação sem falar nada; aliás, ele tinha um pouco de razão.

Depois, sem que ninguém visse, nos encontramos na Rue Saint Pierre em direção à Saint Marcel. Duas motos passaram muito depressa, a mais de oitenta por hora, e eu gritei:

“A polícia! Eles não nos viram, que bom!”

Andávamos na direção oposta à das motos já havia pelo menos

dez minutos quando o ruído dos seus veículos me fez virar a cabeça. Eles vieram até nós! Não valia a pena tentar enganá-los, fingir encher um pneu, o que fosse. Eles já tinham nos visto.

Meu marido parou e os policiais vieram até nós. Olhei para eles, bastante bronzeados, botas no pé, cinta no peito, capacete na cabeça, pareciam gigantes no crepúsculo que avançava, completamente violeta. Um deles fez o pedido de praxe:

“Documentos!”

O outro acrescentou:

“A senhora não sabe que não deve sentar no bagageiro?”

Respondi:

“Não, senhor!”

O policial parecia um boneco de brinquedo, e pensei:

“No Natal, vou comprar motoqueiros no Magasin Général para as crianças, um motoqueiro não é nada mau!”

*image
not
available*

margem para escolha mesmo para os mais exigentes!), um jovem, uma criança que poderia ser de uma mãe qualquer, entrava furtivamente em um hotel mal frequentado pelo motivo mais ignóbil possível! Minha empatia por essa mulher atroz evaporou, e o fato de ela ser da minha raça fez minhas orelhas ferverem! Puxa vida, ela deveria ter deixado esse tipo de trabalho para os outros!...

Agradei a hoteleira pelas boas intenções comigo e disse tchau, entrei como uma maluca na igreja Les Réformés, acendi velas para todos os santos com o dinheiro extra que ela havia me dado e que estava queimando nas minhas mãos. Corri para a minha casa, coleí em cima da cama dos meninos imagens que recortara das revistas de esporte, Anquetil e Rummel, Sainte Rose e Kopa. Eles ficaram felizes, mas ainda estou assombrada com a lembrança do menino do hotel.

*image
not
available*

anúncio, houve mais mãos levantadas do que porções para vender. Ernest conhece seus clientes, oferece vitela para fazer uma blanquette ou uma carne não muito estragada para um assado, pelos mesmos cinco francos. A visão dessas inúmeras possibilidades de escolha ouriça o público, que grita:

“Então, Ernest, se esqueceu de mim? Agora é minha vez!”

Ernest não sabe mais para onde virar a cabeça, uma cabeça coberta com uma boina xadrez. Os homens são os mais inflexíveis, esquecendo a cortesia que deveria lhes permitir ceder a vez às mulheres. Ali o negócio é encher a barriga, Carolina, e conseguir algo comestível é uma vitória para aqueles que esperaram mais de uma hora.

Ernest parou de cortar e embrulhar e, de repente, ganiu:

“Senhoras! Cuidado, por aqui não tem nenhum batedor de carteira, mas o calhorda do último sábado que fez minhas clientes fugirem voltou. É o palerma que está aí no fundo! Ele vai apalpar as senhoras! Ele veio só para isso, todo mundo foi avisado!”

Olhei para o palerma avermelhado que desaparecia sem cerimônia, pois todas as mulheres ameaçavam agredi-lo, com seus saltos agulha, com suas cestadas certeiras. Minha compatriota disse:

“Entende agora por que é melhor chegar cedo? Os calhordas sempre ficam esperando que se forme uma multidão para se esgueirar entre as compradoras!”

Nesse momento, Ernest pegou do balcão duas grandes bandejas de coisas não comestíveis; ele montou porções e berrou de novo:

“Vejam! O valor não aumentou, a porção continua custando cinco francos, o preço de um maço de cigarros! Sei que ninguém quer pedaços escuros! Pois então, acrescento mais umas sobras!” Algumas mãos se estenderam, com lassidão! Ernest achou que a resposta dos clientes não correspondia à oferta, cruzou os braços e ameaçou sair com as bandejas de entrecôte que tinham acabado de chegar, caso não conseguisse se livrar da carne que tinha preparado.

*image
not
available*

seus hábitos, sou eu quem mudará o nome, me chamarei Renée enquanto espero a verdadeira Renée voltar. É evidente. E assim será, me chamem de Renée, e eu responderei quando achar que estão falando comigo.

17 de junho

Um ano nessa profissão, Carolina, e estou cada vez mais segura de que as pessoas que afirmam que o tipo de trabalho não afeta o físico falam sem experiência própria. Tinha voltado a ser uma mulher digna ficando em casa, mas agora já me encontrava de novo pingando de suor, tirando “poeira de trás dos móveis”. Transformei-me em uma máquina a ser explorada, mas talvez não manipulada, pois a patroa quase engasgou quando não respondi a seu chamado, simplesmente porque meu nome não é Renée. Ela me disse: “Renée é mais gentil! Espero que ela fique boa logo!”. Acabei por irritá-la de vez ao anunciar que estava ajudando a antes mencionada Renée a partir para uma casa de repouso.^[15] Por causa disso, sou punida, tendo que esfregar um pano nos lugares mais improváveis da casa. São os meus primeiros dias de trabalho, ainda estou me divertindo loucamente, depois também ficarei irritada, será preciso encontrar outra Renée.

No final das quatro horas de serviço, eu estava em um estado tão deplorável que parecia uma das coisas antigas empilhadas no sótão onde passei minha última hora de trabalho. No corredor, antes de voltar para a rua, dei um jeito no meu cabelo e na minha saia com as mãos e fui embora visitar a Renée. A verdadeira.

A patroa, que não pega ônibus, chegou à clínica antes de mim. Renée, ao me ver, parecia aterrorizada. A patroa então se levantou e lhe disse:

“Até breve! Como combinado, não é, Renée?”

Renée murmurou uma palavra vaga.

Ela esperou cinco minutos antes de falar comigo, com medo de que a patroa voltasse e ouvisse nossa conversa. Finalmente,

*image
not
available*

3 de julho de 1963

Solange terminou sua mudança, comprou um pequeno apartamento e decidiu trabalhar como fiscal no metrô, furando bilhetes. Rindo, acrescentou que “subiu de patente”. Gostaria de saber se Solange se acostumará a viver embaixo da terra. Ela me convidou para brindar a sua despedida em um baile negro presidido por funcionários públicos vindos de Paris.

Antes de sair, tive que pôr meus filhos na cama e esperar a chegada da estudante que ia tomar conta deles. Ela chegou cansada e se jogou no sofá da minha filha. Fiquei com muita pena pois ela contou que, após ter de colocar para dormir bebês que não querem dormir de jeito nenhum, frequentemente precisava deitar para, no dia seguinte, pegar muito cedo o ônibus até a faculdade de Aix. Então eu lhe disse:

“Feche os olhos hoje à noite e tente dormir como uma pedra! As crianças não são mais bebês.” Ela não perdeu tempo e já dormia profundamente quando nós três saímos.

Como de hábito, Solange está alegre, está confiante sobre o futuro, afirma ter aprendido a conviver com suas patroas:

“Quando somos empregadas faz-tudo, estamos vacinadas contra o que a vida pode apresentar, porque facilmente nos despojamos de qualquer pretensão à dignidade humana, somos uma coisa, como uma vassoura ou uma geladeira! Se um dia eu for rica, fico enojada só de pensar em contratar uma faxineira, tenho medo de me tornar uma daquelas mulheres que ainda se dizem cristãs! Que comédia!”

Cem casais multicores escutavam um europeu falando sobre as Antilhas. Fomos acomodados perto de um grupo de jovens decididos a se divertir a qualquer preço, que, ansiosamente,